



INDÚSTRIA NA AMÉRICA CENTRAL

GEORGE C. COMPTON

Quem visita agora a capital da Guatemala sente o olhar atraído por muitos edifícios novos e impressionantes, de vidraças cintilantes ou cerâmicas alegres — edifícios públicos, um excelente hospital, escolas, conjuntos residenciais. Quando se vai de automóvel do aeroporto de La Aurora para o centro da cidade pela larga e arborizada Avenida de la Reformá, não se dá especial importância a um prédio baixo, limpo e bem cuidado que se ergue bem distante do bulevar, na Calle 4 da Zona 10. Pela aparência externa, poderia ser uma escola ou uma biblioteca, a sede de alguma repartição oficial ou uma dessas indústrias à semelhança dos **campus** das universidades que as câmaras de comércio das comunidades suburbanas dos Estados Unidos vivem a recomendar — um laboratório de produtos farmacêuticos ou uma tranqüila fábrica que faça peças para sofisticados dispositivos eletrônicos.

De certo modo, a organização ali alojada partilha das qualidades de tôdas essas instituições e ainda tem alguma coisa de especial. De fato, é a sede do Instituto Centro-Americano de Investigação e Tecnologia Industrial (ICAITI, para dar-lhe a sua inevitável sigla), uma organização mantida conjuntamente pelos cinco governos centro-americanos e equipada para dar-lhes e aos seus serviços de desenvolvimento, ou à sua indústria privada, orientação prática e segura sôbre matérias-primas, processos de fabricação, ou possibilidades dos mercados para novas indústrias em projeto, com base em análises de laboratório, fábricas-pilôto, ou estudos locais.

Organizado com a ajuda da Administração da Assistência Técnica da ONU, o Instituto foi inaugurado em janeiro de 1956. O primeiro ano e meio foi dedicado ao trabalho indispensável de conseguir instalações e equipamento, bem como ao de selecionar o pessoal. Depois disso, não tardou que começasse a prestar serviços a projetos de de-

senvolvimento centro-americanos e em assumir o seu lugar como uma característica permanente da cena econômica. A ONU concordou em contribuir para as suas atividades com 900.000 dólares, em quotas anuais durante os cinco anos seguintes, enquanto os cinco países filiados mantivessem as suas quotas anuais de 52.000 dólares cada um. Além disso, para ajudar a equilibrar as despesas de cerca de meio milhão de dólares por ano, o Instituto recebe mais de 100.000 dólares das pessoas para as quais executa serviços.

O pessoal do Instituto é verdadeiramente internacional. O diretor, o químico industrial austriaco Otto J. Stern, já serviu com a equipe de assistência técnica da ONU em trabalhos realizados na Venezuela, no Equador, no Peru e na Índia. O diretor assistente é o economista guatemalteco Manuel Noriega Morales, que dirige igualmente a divisão de economia industrial. Trabalham com ele economistas da Costa Rica, de El Salvador e do seu próprio país. O jovem chefe dos laboratórios, o bioquímico Francisco Aguirre Batres, é também da Comissão Nacional de Energia Atômica da Guatemala. Estudou êle em Oak Ridge a utilização dos isótopos radioativos e, durante sete anos, fez trabalhos de pesquisa para o Instituto de Nutrição da América Central e Panamá (INCAP), que também tem sede na capital da Guatemala. Um químico hondurenho e um engenheiro-químico nicaraguense dirigem setores dos laboratórios. O chefe da divisão de geologia e mineralogia é um francês, Pierre De Latire. Ao todo, pouco mais da metade do pessoal, cujo número vai a 45, se constitui de técnicos. Mas é bem pouco provável encontrá-los todos na sede, pois viajam constantemente através das cinco nações para realizar estudos e pesquisas..

Uma das realizações de que mais se orgulha o Instituto (embora o "segrêdo" dos negócios" não lhe permita falar muito disso) é um tipo especial de moinho que idealizou para cozinhar com vapor e moer o milho para a farinha destinada a fazer as **tortillas** da América Central. Os índios da Guatemala e de outros lugares preparam a sua farinha, amaciando primeiramente o milho que é cozinhado com limão. A farinha já preparada lhes dará uma economia não só de tempo mas também de limão e de lenha. Além disso, o produto é muito fácil de enriquecer com a adição de proteínas ou vitaminas, tornando-se uma boa base para a melhoria da alimentação.

De fato, o moinho semi-industrial em escala reduzida instalado no laboratório do Instituto tem moído o milho que ali é misturado para a preparação da fórmula n. 9 do INCAP — a Incaparina (vide "A Farinha de San Vicente", **Américas**, março), que promete salvar da desnutrição e da possibilidade da morte prematura muitas crianças da América Central. O ICAITI fabricou grandes estoques dessa mistura de alto teor proteínico que contém torta de caroços de algodão, sorgo, limão, fermento de *Torula* e vitamina A juntamente com o milho, empacotada em sacos que se vendem muito barato e contém o suficiente para preparar três copos — a quantidade de um dia — da bebida chamada **atole**. W. R. Grace & Co. estão agora fazendo expe-

riências de introdução da Incaparina no mercado nacional da Guatemala, tendo sido muito bem recebida na aldeia onde foi primeiramente lançada.

Duas companhias particulares estão construindo grandes usinas, cujas plantas foram inteiramente feitas pelo ICAITI, para fabricar a farinha de milho, uma em Honduras e outra na Nicarágua. A General Mills tem opção para usar a patente do ICAITI em mais três usinas, que seriam montadas na Guatemala, na Costa Rica e em El Salvador. Essas usinas preparariam apenas a farinha; o programa da Incaparina é separado. Na realidade, a mistura com a Incaparina não serve para as **tortillas**, que, feitas com ela, se esfalelam com facilidade. É melhor em forma líquida ou preparada como biscoitos.

O Instituto realizou estudos sobre a matéria-prima, o custo do equipamento e a viabilidade econômica de uma fábrica de adubos de 18 milhões de dólares, a ser construída em El Salvador por uma empresa particular. Será essa a primeira grande fábrica para iniciar a sua produção dentro do programa das "indústrias integradas" na América Central. Em virtude de um acordo, ainda não em vigor por falta de duas ratificações, serão dispensadas condições especiais a certas fábricas quando se julgar aconselhável que sejam suficientemente grandes para servir a toda a região; os seus produtos circularão pelos cinco países livres de direitos, os quais, porém, continuariam a vigorar para os produtores estrangeiros e seriam reduzidos de apenas 10% por ano sobre as mercadorias produzidas dentro de um país centro-americano por uma fábrica não compreendida nesse plano. Os primeiros projetos de tais "indústrias integradas" abrangem uma fábrica de tintas na Costa Rica, uma usina siderúrgica na Nicarágua e uma fábrica de papel em Honduras, bem como a fábrica de adubos em El Salvador. Concedeu-se à fábrica de pneus GINSA, na Guatemala, construída antes do acordo de integração, tratamento preferencial. Até agora, essa companhia, propriedade em parte da General Tires dos Estados Unidos, tem feito vendas principalmente em El Salvador e na Guatemala. Os círculos industriais locais afirmam que, embora possa ter havido uma economia de divisas com os pneus feitos de borracha local, não houve até o momento sensível queda nos preços. Essa economia é um dos objetivos do plano de integração e talvez alguma garantia quanto a preços seja necessária quando se conceder essa tarifa especial de proteção. A fábrica de adubos será de grande valor para a agricultura da América Central, que gastou 64 milhões de dólares em quase 700.000 toneladas de adubos nos últimos sete anos. O ICAITI desempenhará decerto mais relevante papel no planejamento das futuras indústrias que se possam subordinar ao plano de integração.

Outro projeto em El Salvador para o qual o ICAITI fez todos os planos necessários é um matadouro moderno, organizado pelo Instituto de Desenvolvimento da Produção, que procurará principalmente utilizar os subprodutos e o material outrora inaproveitado. O ICAITI

superintenderá a construção e entregará o matadouro em condições de funcionamento.

Em cóperação com os governos da Guatemala e de El Salvador e com a assistência técnica da FAO, o Instituto vem estudando meios de aumentar o teor proteínico dos produtos de salsicharia. Um tipo especialmente preparado de farinha de caroços de algodão se vem mostrando de grande valor nessa experiência.

Vários estudos vêm sendo feitos por serviços oficiais e pela indústria privada em tôrno das possibilidades de enlatamento de frutas e legumes na região, mas até agora de nenhum resultou ainda uma produção efetiva.

O govêrno salvadorenho acaba de terminar uma fábrica, para a qual o ICAITI projetou tanto o processo químico quanto a maquinaria, para a produção de **panela** (açúcar mascavo), que será muito mais fino do que o normalmente encontrado na região.

Alguns dos outros produtos para os quais o ICAITI tem feito experiências de viabilidade ou de fabricação, fazendo recomendações, ora favoráveis, ora desfavoráveis, são algodão hidrófilo, madeira compensada, inseticidas, mástque asfáltico, pasta dentifrícia, papel e tecidos.

O Instituto realizou também um estudo do mercado financeiro num país, preparou o pessoal de um instituto nacional de desenvolvimento em técnicas de produtividade e racionalização da produção, e orientou um govêrno sôbre a política e a legislação de minas. Por conta própria, o Instituto continua a estudar os recursos minerais de tôda a região, as despesas de transportes e outros fatôres econômicos gerais. Está cogitando outrossim dos usos possíveis para os resíduos do café processado industrialmente.

Outro setor pelo qual também se interessa é o de normas e padrões. Orientou o govêrno da Guatemala na organização de uma repartição nacional e se ocupa da manutenção de padrões uniformes em tôda a América Central para produtos como alimentos e medicamentos, tecidos, materiais de construção e outros. Até os pesos e medidas exigem supervisão, pois embora o sistema métrico seja o legalmente adotado, outras unidades tradicionais continuam a ser usadas em muitos lugares. O Instituto gostaria de transformar-se num "Escritório de Padrões" para tôda a região.

Alguns governos não se têm valido dos serviços do ICAITI, mas a utilização dos mesmos pela indústria privada está em constante aumento, de modo que o Instituto espera tornar-se com o tempo auto-financiado por meio das remunerações auferidas. A organização lá está, pronta a ajudar de maneira prática e profissional sempre que os países se congregarem em novos projetos específicos para construir a economia da América Central.